

GENTE DA CIDADE



José Lewgoy,  
bandido

O bandido mais famoso de nosso cinema nasceu em 1920 em Alfredo Chaves, hoje Veranópolis, Rio Grande do Sul — zona de colonos venezianos cultivadores de uva. Pai austríaco, mãe norte-americana, ambos judeus; José tem sete irmãos e uma irmã; é o caçula.

Até os oito anos só falava italiano; nessa idade foi estudar no Pôrto Alegre College, onde fez os cursos primário e secundário. Estudou contabilidade dois anos e economia um ano, na Universidade Católica. Começou a trabalhar em uma casa de móveis onde fazia qualquer espécie de serviço, desde carregar móveis até desenhá-los; aos 17 anos foi trabalhar com um livreiro que representava uma editora argentina. Foi então que teve ocasião de ler muita coisa. Como falava bem inglês (o francês, espanhol italiano, um pouco de alemão) foi convidado a trabalhar com um americano em uma companhia de informações comerciais; desconfia que o homem era funcionário da "lista negra" norte-americana. Dali passou para o aeroporto, onde revia a bagagem e os documentos dos viajantes, em serviço de contra-espionagem. A essa altura, fez relações com gente da Livraria do Globo — Mário Quintana, Érico Veríssimo, Hamilear de Garcia, vários outros, e foi trabalhar como revisor de traduções; como tinha jeito para desenho e se interessava pelas artes gráficas, começou a projetar edições e acabou dirigindo um Departamento de Planejamento Gráfico, paginado inclusive a "Revista do Globo". Ficou na editora cinco anos, mas nas horas vagas se dedicava ao Teatro de Estudantes, onde representou em "Topaze" de Pagnol e "Viajante sem bagagem", de Anouilh.

Aconteceu que o adido cultural norte-americano, Seaver Gilcreast foi a Pôrto Alegre, viu o rapaz no teatro, impressionou-se, ofereceu-lhe uma bolsa na Universidade de Yale. Lá ficou dois anos e recebeu elogios de José Ferrer pela sua interpretação de Sganarello e de alguns críticos importantes; voltou crente de que ia tomar o Brasil de assalto. Tinha um plano: ir para Pôrto Alegre fundar um grupo, "Comédia da Província", com ajuda oficial, para fazer teatro de verdade no Brasil. Mas o governo tinha mudado, e ninguém parecia demonstrar muito interesse por teatro. Lewgoy (a pronúncia certa é "liugói", a mais usada é "levigói") estava desanimado quando Fernando de Barros o convidou para vir ao Rio trabalhar em "Perdida pela Paixão" (ou "Quando a noite acaba"); deu-lhe um papel de malandro, em que ele leva um tapa violentíssimo — e verdadeiro — de Tônia Carrero.

Esse primeiro papel marcou-o; quando vai para a Atlântida fazer "Carnaval no Fogo", seu lugar é de "Anjo", um "gangster". O filme fez grande sucesso, mas o ator só recebeu três contos, com os quais teve de viver quatro meses. Seguiu-se uma série de filmes — "Aviso aos Navegantes", "Maior que o ódio", "Três Vagabundos" e outros, todos ruins, menos "Amei um bicheiro", a partir do qual Lewgoy passou a ganhar 60 contos por filme. O último deles foi "Matar ou Correr". Cansado de trabalhar em abacaxis ("afinal dá o mesmo trabalho, ou ainda mais, do que trabalhar em um filme decente") José Lewgoy não renovará seu contrato com a Atlântida, que termina agora. Não sabe o que vai fazer, há uma história ainda um pouco vaga de um filme em Hamburgo, que lhe daria a oportu-



MARIA ANTONIETA, BILAC, ETC.

Zico.

Só ontem é que peguei, na José Olímpio, aquela carta que você me escreveu em março, quando voltava de Paris para Bruxelas, e dizia: "não sei por que, mas Paris me entristece".

Você acha que devia ter conhecido aqueles becos e bistrôs aos vinte anos, e não agora. "Sinto que cheguei tarde". E confessa, meio desconfiado de que eu não vou acreditar, que prefere a sua calma e gorda cidade belga.

É verdade, Zico, há uma certa tristeza em Paris, que é a das coisas muito sentidas e vividas. Mas acontece que a gente se habitua; eu me habituei, menos com o inverno, com esses dias escuros e curtos em que a neve ao cair vai virando lama e a gente tem que andar de capotes, cache-col, sapato grosso, chapéu, luvas, toda uma tralha pesada e incômoda.

Também o passado parece pesar sobre nosso espírito; não me esquecerei de uma visita que fiz, por acaso, ao túmulo de Maria Antonieta, ali perto da gare Saint Lazare. Eu tinha nas imediações um encontro com uma pessoa que eu adorava; e na minha aflição de não chegar atrasado, cheguei mais de meia hora afites.

Vi o monumento, perguntei o que era, fui visitar. Acho que Maria Antonieta não está mais enterrada ali. Esses mortos da Revolução foram transferidos muitas vezes de um lado para outro, às vezes com belas procissões de homenagem, outras com os ossos a sacudir

dentro de carrêtas, entre uivos da plebe. Não importa. Aquêlo grande monumento funerário, com seu mau gosto rebuscado e solene, que percorri entediado, me deu uma tristeza idiota, vazia, que é, no fim das contas, o que nos fica da História. Li muitas inscrições em mármore, ouvi a lenga-lenga do velho guia, que falava da família de Luís XVI, mostrava bustos e baixos-relevos, e minha melancolia foi crescendo até que olhei para o relógio; eu me atrasara no encontro. Fui recebido com mau humor, e eu mesmo estava nervoso, seco, ausente; como se aqueles defuntos reais tivessem, do fundo de seus túmulos, me rogado uma praga.

Mais de uma vez tive essa impressão sutil, mas inevitável, de que o passado, em Paris, tem eflúvios permanentes que penetram nos vivos distraídos e interferem na sua emoção; a voz rouca dos mortos parece nos segredar, nos momentos de alegria e encanto: "Isso passa; no fim é tudo fel".

O que tudo pode ser uma tóla impressão, meu caro Zico; você sabe que eu não sou crente do espiritismo. Mas que há bruxas, há; e Maria Antonieta pode acontecer que agora seja uma. Em nossa idade, nossa alma já tem um ar de campo santo, como no soneto de Bilac. Zico, nós somos da geração que cita os sonetos de Bilac!

É melhor calar por hoje; um abraço, adeus.

R. B.

tunidade, ardentemente procurada, de conhecer a Europa; e um grande desejo de voltar ao teatro. O que há de concreto é uma peça que vai levar na televisão em S. Paulo e o Festival de Punta del Este.

Não é esportivo nem político; dos pintores brasileiros admira sobretudo Guignard (dos novos, Bandeira), gosta de desenhar, já pintou suas têmperas, mora no Leblon, acredita no TBC e no "Tablado", é "fan" de Henry Miller, e entre os poetas brasileiros tem uma admiração e uma ternura especiais por Mário Quintana. Dos 18 aos 21 anos, bebeu muito, e no Tiro de Guerra tinha apelido de "Gambá"; seu último pileque verdadeiro resultou em estado de coma e expulsão de um clube de Pôrto Alegre; hoje bebe raramente, menos por virtude que por vesícula. Lê muito, principalmente teatro, um de seus ideais era fazer Santos Dumont no cinema, raramente usa gravata, usa bigotes e cabelos compridos e detesta usá-los, mas o faz por motivos profissionais; está cansado de ser bandido, não gosta de samba de "boite", ouve muito música, principalmente Mozart, e como cozinheiro se orgulha de certa macarronada e principalmente de um camarão ao Catupirí.

R. B.

## A POESIA É NECESSÁRIA



## O QUARTO EM DESORDEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

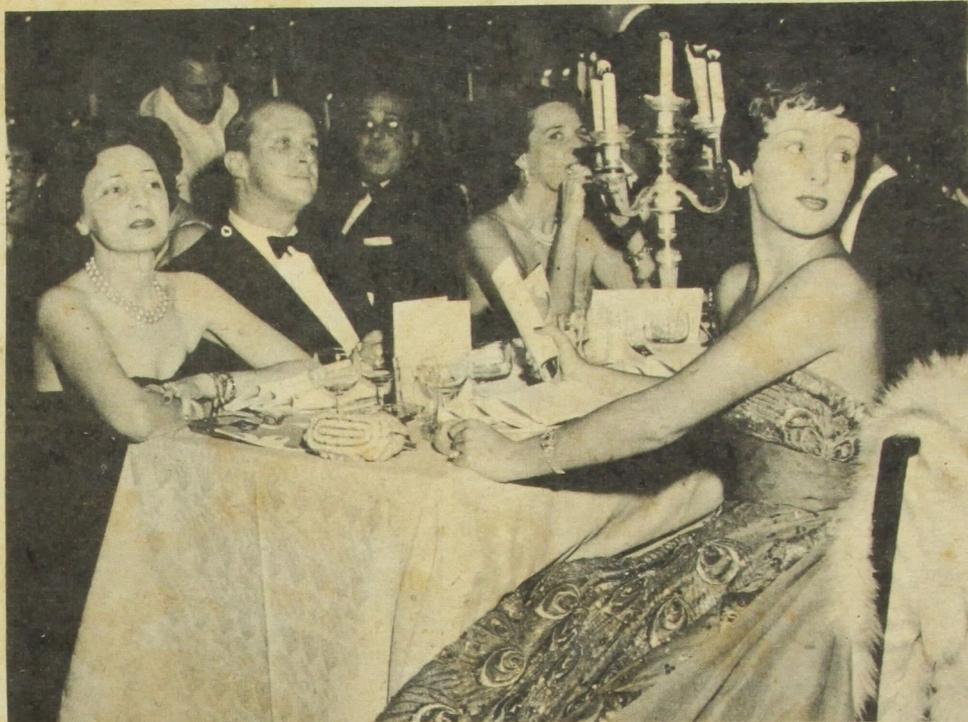
*Na curva perigosa dos cinquenta  
derrapei neste amor. Que dor! que pétala  
sensível e secreta me atormenta  
e me provoca à síntese da flor*

*que não sabe como é feita: amor,  
na quintessência da palavra, e mudo  
de natural silêncio já não cabe  
em tanto gesto de colhêr e amar*

*a nuvem que de ambígua se dilui  
nesse objeto mais vago do que nuvem  
e mais defeso, corpo! corpo, corpo,*

*verdade tão final, sêde tão vária,  
e êsse cavalo solto pela cama,  
a passear o peito de quem ama.*

**NOTA** — Este soneto é do livro "Fazendeiro do Ar", que José Olympio vem de editar juntamente com toda a obra anterior do poeta. Lançando ao mesmo tempo as "Poesias" completas de Manuel Bandeira, aquele editor fechou o ano com dois livros em que se reune a obra dos dois maiores poetas brasileiros vivos.



Em uma noite elegante, a sra. Marina Goulart de Andrade, a senhorita Sônia Carneiro e o sr. Carlos de Laet.

## Soirée

IBRAHIM SUED

- **OS SOLTEIROS DO RIO:** Hoje, iniciando a primeira semana do ano, a coluna Sued, apresenta para suas leitoras, alguns solteiros e solteirões cariocas, que passaram o ano de 1954, resistindo aos encantos das jovens do "society" carioca. Eles são bons partidos, mas o tempo passa e continuam solteiros, apenas com o título de bom partido...
- **FRANCISCO EDUARDO DE PAULA MACHADO:** Figura na lista dos dez melhores partidos do Rio. Os "brotinhos" sonham com ele. Os super brotos também. E as jovens de 25 a 35, onde ele está, elas procuram o seu olhar... Entretanto, Chico Eduardo mantém os seus romances em segredo. Raramente é visto em lugares públicos de par constante. Faz as suas conquistas com discrição, muita discrição.
- **GILBERTO ROCHA FARIA:** Também é considerado um dos dez melhores partidos do Rio. Em seus automóveis (4), são vistas louras e morenas. Nas reuniões onde comparece, quando não está acompanhado, é imediatamente cercado por elas. É dos mais discretos e austeros solteirões do Rio.
- **FRANCISCO (CHICO) CATÃO:** Atualmente tem se dedicado ao trabalho. Quando circulou o boato de seu casamento, recebi centenas de telefonemas pedindo confirmação. E o casamento não aconteceu. Continua circulando e cortejado por elas. E também da lista dos dez mais cobiçados do Rio.
- **ROBERTO SEABRA:** Da lista dos dez. Todas as vezes que dança é de rostinho colado. Certa ocasião, a famosa Carmen Teresinha Solbiati, teve as esperanças nutridas. Saíram, foram a festinhas, jantaram em "Boites", mas tudo acabou como todas... Não terminou no altar, e o sr. Seabra continua circulando, circulando, desafiando as beldades do Rio e de São Paulo.
- **OSVALDO VIDIGAL:** É de São Paulo, agora reside no Rio. As meninas ainda não perceberam a sua presença na cidade maravilhosa, as poucas que o conhecem, disputam a primazia de aparecer ao seu lado. Está hospedado no Anexo do Copa, e quando eu lhe pergunto em casamento, ele me responde: Eu pretendo me casar. Seja loura ou morena, o dia que eu encontrar uma jovem com as qualidades que exijo, me casarei imediatamente. E enquanto não encontra, o jovem Vidigal continua solto como um passarinho...
- **FRANCISCO CESÁRIO ME LO FRANCO SENA:** É o "brôto" mais cobiçado do Country. Poderia ser o grande sucesso do Rio. Mas no fundo, Cesário é um grande tímido, um sentimental, que se apaixona com certa facilidade. Elegante, esportista, e fisicamente tem certa semelhança com Porfírio Rubirosa.
- **JOSÉ FERNANDO PESSOA DE QUEIROZ:** Um dos mais jovens membros dessa tradicional família de Pernambuco. É dos jovens que não passará dos 25 anos solteiro, tudo indica que dentro de pouco estará casado. Bom partido, bom casamento.
- **GURGEL DANTAS (GUGU):** Tem um jeito caladão e introspectivo. Boa praça, boa figura. Dá muita sorte, mas seus namoros não passam de três meses.
- **JORGE GABIZO FARIA:** Atualmente está trabalhando na Bahia. Negócios de aviação. As meninas da Bahia, estão encantadas com o "jovem da capital da República" que está frequentando as reuniões da sociedade baiana. Filho de tradicional família, quando no Rio, era um dos rapazes do Country que fazia sucesso.
- **CLÁUDIO SILVEIRA:** Os anos estão passando, e o "General Montgomery" tem resistido aos cupidos. Seus "Flirts" no Country variam de 15 a 20 dias.
- **ANTÔNIO ALBERTO TORRES (Nii):** Depois de uma grande temporada, solto no "society" carioca, o elegante jovem advogado, parece que está de namoro firme com uma bonita senhorita cujas iniciais são: Lígia Coutinho. Se o namoro não firmar, fiquem de olho, porque trata-se de um bom partido.
- **JOÃO CARLOS OSÓRIO:** Há dez anos, foi a coqueluxe dos brotinhos do Sion e de outros colégios cariocas. Resistiu a tudo, e continua solteirinho, livre como um passarinho. Não pensa em casamento.

Além desses jovens, vocês podem, também, se ocupar dos jovens senhores José Serrado, Jorge Dória Filho, Homero Lopes, Roberto Leão Velloso, Marcito Moreira Alves, Luís Tostes, Ronaldo de Carvalho, Poly Lorena, Dede Nabuco e Demóstenes Madureira de Pinho Filho. São todos boas figuras. Portanto meninas, agarrem seu homem. E hoje é só. Termino aqui, porque estou tratando da lista dos dez homens mais elegantes do ano, que apresentarei em uma grande reportagem em MANCHETE e na minha coluna d'"O Globo".